

Deriva e errancia na representação do mundo

Dérive and ramble in the representation of the world

Vasco Caetano Costa

Universidade do Porto
vaskokosta@gmail.com

Resumen. Proveniente de um impulso que advém da linguagem da Escultura para a linguagem do Desenho, ensaia-se a mais ampla ideia de convocar a Terra e o Sol para uma relação de proporção que relativiza e relaciona a dimensão cósmica com a escala individual do homem simultaneamente. Através dos movimentos perpétuos intrínsecos a estes corpos cósmicos, realizam-se gestos amplos, que procuram representar a linha de trajetória de um percurso caminhado, vivido, actuando com o intuito de estabelecer uma relação experimental com o Tempo e com o Espaço. A investigação que se apresenta, procura uma recuperação de sentido relativamente à experiência sem mediação, através do qual se revela uma construção evolutiva do conceito de tempo. Através do gesto artístico, conquistou-se uma relação que permitiu testar e ensaiar uma série de pressupostos, a partir dos quais se desenvolveu uma narrativa pessoal para a constituição de uma nova cartografia

Abstract. Based on an impulse that went from the language of sculpture (material and shape) to the language of design (engraving), we experimented with the broad idea of calling on the Earth and the Sun for a synchrony of movement to reestablish a union of humanized proportions. Through the perpetual intrinsic movements of these cosmic bodies, a wide gesture was made to try and represent a trajectory of a route conditioned, lived, and acted upon to set up an experimental relationship of Time/Space/Matter. The research presented attempted to recover the sense of an experience without mediation, through which an evolutionary construction of the concept of mobility and scope is revealed. By means of the artistic gesture, a relationship was conquered that made it possible to test and prove a series of assumptions, based on which a personal narrative of contact unfolds, for the constitution of a sense of always being present in time, space and orientation, unveiling a strategy for making possible new maps

Palabras clave. Corpo; espaço; circulação; representação; cosmogonia.

Keywords. Body; space; circulation; representation; cosmogony.



Projecto (homem-Gnomone), solstício do verão, Beja, 2008

“Homem Gnomone”, o Sentido Solar¹

“Homem-Gnomone” é um projecto artístico do qual teve primeira reverberação e inspiração na problemática percepção sobre o “ordenamento do tempo – e a tendência para o desaparecimento quer da extensão real quer da duração que lhe está associada” abordada pelo ensaísta e filósofo Paul Virillio (2010) no seu livro *Velocidade de Libertação*. É através deste impulso despoletador que uma serie de questionamentos são abordados sobre a sociedade actual, nomeadamente a influencia que a técnica e as tecnologias operam sobre a percepção, sobre o vibrante presente e o aqui e agora, o tempo real.

Dromologia² é outro termo emergente deste autor, a partir do qual é reflectida a dimensão do alcance, da corrida, da distancia e da extensão e, mais especificamente um novo tipo de ‘poluição’, a da comunicação acelerada, que se sobrepõem ás dimensões do agora.

Noções que a revolução tecnológica do sec xx e xxi tem vindo a desfigurar, com a introdução de novas medias e eficientes interfaces que visam a redução de distancias e a anulação de fronteiras naturais de noções de espaço e tempo. Partindo deste abalado questionamento sobre o presente na *Velocidade de Libertação*, livro de ensaio critico sobre a sociedade contemporânea e sua trajectória, surge este projecto, que deriva indirectamente de alguns tópicos nele aflorados.

Deste contexto, surge em 2001, a minha primeira indagação sobre, como representar, em acto, gesto ou forma que me permitisse avançar ou renomear, de algum modo, reconquistar o chamado *tempo natural*, através de um reconhecimento empírico, duma possível matriz, no qual pudéssemos reconhecer directamente a mediação, um indicador que permitisse por si restabelecer um contacto sobre um maior influente geral, uma ordem... como é exemplo disso o centrifugo Sol, gerador de energia e luz, ou a rotação da própria Terra também ela centrifuga que nos suporta sobre um movimento perpetuo.

Relembro-me da sombra, a própria companheira sombra, projectada no chão, onde encontro a ligação entre estes três agentes, Homem, Terra, Sol.

Pretendia com este projecto, alcançar o máximo (uma amplitude, uma noção de dimensão) através do mínimo, ou seja, as maiores referencias através dos mínimos recursos. Neste caso, referenciar o colossal Sol simultaneamente com nosso giratório planeta, simplesmente através da acção de andar, tornou-se para mim essencial e obvio, revelador de algo que teria que se realizar, testar, tornar visível, por mais que, parte desta acção fosse aparentemente presumível. É desta forma que encontro uma equação que me permitiria a detecção directa desta inter relação sobre estes três corpos influentes ou interligados em movimento Homem/Terra/Sol.

Neste sentido, este projecto ainda sem nome, emerge no ano 2001, no qual se forma o conceito, no entanto ficou em gaveta até 2008, iniciando-se desde então uma nova fase de estudo e planificação, como os estudos e escolha dos locais, como as regras de actuação. Começam as acções de actuação “no grande solo” a ser praticadas no terreno entre 2008 e

¹ Gnomone Nome derivado do grego gnómon (‘o que indica’ ou ‘o que dá a saber’), que habitualmente designa o ponteiro ou estilo de um relógio solar. No entanto, por metonimia, gnómone designa por vezes relógio de Sol, meridiana ou outro aparelho de observação solar.

² Dromologia; é a ciência (ou a lógica) que estuda os efeitos da velocidade na sociedade. Pode ser também qualificada como o estudo dos impactos culturais e sociais produzidos pelas novas tecnologias.

2010 no qual se efectuaram até á data quatro caminhadas de dias inteiros, a partir de locais e datas específicas, nomeadamente em Beja no solstício de verão de 2008, e repetindo-se seguidamente ainda em Beja no equinócio do Outono de 2008. No ano seguinte, novamente no solstício de Inverno é repetida a acção desta vez em Montemor-o-Novo, 2009 e Maio de 2010 em, todas elas na região do Alentejo, sul de Portugal, tendo sido acolhido nesta ultima terra (M-O-N), através de um programa de residências artísticas, realizado nas *Oficinas do Convento*. O projecto durante o período de 2009 a 2011 é igualmente objecto de estudo, no qual desta vez é desenvolvido em investigação e obra, a tese de mestrado de Desenho na faculdade de belas artes do Porto com o titulo “*Homem gnomone/ Desenhos Analematicos, Da Acção Performativa ao Desenho de Representação*”.

Este mesmo projecto desenvolve-se em duas fases, no qual a 1ª fase (translação) se encontra concluída até á data, fase esta que testa e experimenta as variações desta ideia ao longo do ano, entre os seus extremos, situados nos solstícios, e a segunda variação prevê-se um desenvolvimento sobre diferentes latitudes (2ª fase) no qual se pretende explorar as variantes desta acção sobre as linhas dos trópicos e ou árticas, prolongando experiencias semelhantes noutros territórios, e no qual se pretende aplicar a mesma formula a outras formas de registo em outros pontos da esfera terrestre, para uma melhor exposição da real amplitude da implicação do gesto.

O projecto pretende fazer entender uma certa escala, relativa á duração de um dia solar, ao seu movimento, e á sua humanização, sobre a resistência de um homem que busca livre o encontro de uma direcção, através da sua própria sombra, um caminho para lá das formas e formulas pré organizadas. Paisagem em estado de mobilidade e a extensão do ‘grande solo’ geofísico.

Formalmente, a ideia base centra-se na acção de perseguir a própria sombra ao longo de um dia, ‘de sol a sol’, mais exactamente do nascente ao poente do sol sobre o horizonte.

Caminhando sobre uma paisagem que se deseja o mais aberta e desimpedida possível desenvolve-se sobre um ‘não caminho’, um trajecto único, próprio, que não pretende ligar dois lugares, nem duas casas ou fontes ou arvores, entre elas, mas sim navegar a paisagem com esta especifica e única coordenada, a própria sombra em movimento. Criando desta forma o próprio caminho, sobre uma paisagem já por si desenhada ou destinada a cumprir outras tarefas.

Os preparativos para estas series de caminhadas aproximaram-se bastante dos procedimentos da navegação marítima, do ponto de vista dos cálculos e das coordenadas, estudos, e preparativos para a viagem, no sentido da sua viabilidade, sobre a lógica de grandes coordenadas espaciais, previstas pelo ângulo solar a cada hora do dia, a sua leitura através da bússola, relativamente á velocidade da caminhada proporcionados e medidos relativamente ao território real. Uma pré cartografia começa-se a estabelecer por necessidade, através destes preparativos.

Os pré estudos para a implementação deste projecto no terreno, desenvolvem-se através de variadas fases, para que se conseguisse encontrar um ponto de partida que garantisse

uma deslocação na paisagem sem interrupções ao longo de aproximadamente 40 km de percurso médio/dia.

Inicialmente e através de grandes mapas e ferramentas como para uma leitura previa da paisagem, no qual se seguiram aproximações de reconhecimento da paisagem, efectuadas por automóvel a presumíveis lugares de passagem, já no território seleccionado, para que se entende-se a viabilidade destes lugares e para que após a leitura e previsão possa ser encontrado o mais adequado ponto de partida.

É desta forma que o projecto avança e toma forma.

Esta foi a base reguladora para esta serie de caminhadas para lá da paisagem. O espaço físico real foi sempre circunstancial, importando essencialmente um campo aberto, no qual as caminhadas pudessem ocorrer sem grandes obstáculos, para que esta circulação estivesse mais sintonizada e livre, contendo a sua sintonia solar de rotação e translação referencial.

A Sombra esse grande indicador passa a ser a referencia da direcção, e do tempo.

Montemor-o-Novo, Alentejo, as planícies do sul de Portugal, acabaram por se tornar o lugar preferencial para o desenvolvimento da primeira fase deste projecto, devido á sua localização relativamente acessível, paisagem transponível e de tendência plana.

A experiencia de caminhar, em campo aberto, livre de caminhos, atravessando gigantes latifundios de diversas culturas, propriedades privadas, gado, cercas, auto estradas, espaços abandonados, etc. Etc. e tudo que possa ocorrer numa travessia para além caminho... permitindo um velho sentido de errância ou navegação de fundo, que possa ampliar a capacidade de orientação espacial e comportar uma libertação para lá de uma rede pré-prevista de vias de comunicação.

O sol simultaneamente como relógio e bússola reorganiza uma orientação que sempre aí esteve, e se espera que estará, capaz de nos demonstrar movimentos mais amplos para alem do que nos é servido, através dos complexos instrumentos de mediação que nos substituem a experiencia do contacto, circulação e extensão da viagem.

- A 20 de Dezembro de 2009, Solstício de Inverno, o dia mais curto o ano em Montemor-o-Novo, o Sol nasce ás 07:50 horas, a minha coordenada inicial (38.62833, -8.236828) o terreno, gelado...

- O Sol desponta, lança o primeiro brilho nos meus olhos que o aguardam... tinha nascido o meu indicador daquele dia, entendendo a esfera terrestre em movimento e no horizonte face a este ponto, viro costas, e constato a minha figura alongada no chão á minha frente, projectada, lá esta ela, sem rosto, distorcida para a frente, a minha própria figura, que de qualquer modo ali se encontrava e me comunicava uma direcção, decido segui-la como planeado. Sabia que nunca a iria alcançar, mas que durante um dia solar me deixaria guiar por esta, tentando entender o que me mostrara, relato uma velocidade, uma trajectória e uma escala. A caminhada inicia-se livre, apenas condicionada por esta única referencia, voltar costas ao sol e seguir a própria sombra pelo território fora até que esta desvaneça no horizonte por completo, por ausência de luz, momento em que o errante andar estanca, finalmente, após esta condução por aquela luz ofuscante omnipresente que projectou essa sombra, naquele dia, cheio e extenso...

A minha sombra, esta, conduziu-me livremente pela aberta paisagem desabitada do sul. Decorrido este longo e caminhado dia, do nascente ao poente, revelou-se-me por fim o que eu procurava!... a constatação de um desenho (traço) curvilíneo, uma elipse aberta! Que deste modo denunciava o meu rasto, de aproximadamente 30 a 40 km directos na

paisagem e que espelhava em negativo, a aparente deslocação do Sol, que por sua vez seria apenas a 'dança' da translação sobreposta ao meu andar. Desta forma, emerge esta representação directa sobre a circulação errante de dois corpos em movimento, que se ligam de frente, Terra vs Homem, sobre um esforço relativo de caminhar a par de um ritmo regular sobre uma paisagem incerta.

A riqueza da experiência é lata e abrangente, pois contem em si aspectos muito significantes de leitura do território, paisagem, que de uma prisma geográfico, económico e social, são indicadores muito fortes da caracterização desses mesmos lugares, sua habitabilidade, humanização e exploração.

De qualquer modo não é esse o propósito principal desta acção performativa para nenhuma audiência!

O projecto "*Homem Gnomone*" pretende uma abordagem que se desprenda do lado circunstancial de uma travessia, que se preocupa em ligar o ponto de origem com o seu destino, no qual é pretendido perceber destas trajectórias assegurando o seu registo para melhor compreensão do movimento provocado.

A opção do formato e do registo é configurado numa síntese que permitirá a comunicação posterior desta experiência com o seu publico, através da sua inscrição sobre mapas topográficos, posteriormente gravados em chapas de cobre, no qual permitem uma final objectualização destas acções, que se estabelecem entre as linguagens do Desenho e da Escultura, no ponto de vista da sua materialização e inscrição da experiencia.

Uma cartografia própria é desenvolvida para responder às necessidades do projecto.

Os mapas contem em si toda a informação detalhada dos territórios incluindo coordenadas de localização específicas, e toda uma codificação rigorosa legendada, através destes mapas topográficos militares á escala de 1/25.000, é possível entender a amplitude da acção e o seu desenvolvimento no espaço, com toda a pormenorização inscrita que caracteriza e contem geograficamente estes lugares.

O Objecto artístico pretende ser uma ampla leitura da real capacidade da acção humana, escalonada para um dia de acção, um dia de caminho, uma trajectória individualizada e metafórica. A velha medida de esforço, dia/homem.

Uma reflexão meditativa sobre matéria e imaterialidade, extensão e representação.

Este Projecto tem como fundo a necessidade de relançar um ensaio/contacto com uma certa ordem maior (para além das invenções reguladoras e mediadoras na experiencia da extensão) algo que nos resista e que esteja de alguma forma a regular, uma cadência, um principio, um entendimento para lá das contingências do nosso tempo histórico.

Neste sentido, dá-se um encontro entre ideia, dimensão e síntese, ou seja, a tentativa de englobar ou implicar os mais altos referentes, através de um certo gesto ou movimento que contenha em si o reconhecimento de uma certa ordem natural que venha estabelecer uma medida, uma compreensão. Surge deste contexto a ideia de relacionar o natural movimento diário da terra sobre si próprio, com a errância do andar (o corpo em movimento continuo sobre esta, com o referente de fundo comum, o Sol, que por sua vez nos enlaça e nos

regula com um ritmo, nesta triangulação corpo/espço/translação. Um movimento comprometido de três agentes e três dinâmicas que se encadeiam interdependentes Homem/Terra/Sol.

Num tempo presente, no qual grande parte da experiencia é mediada pela telepresença, e por um conhecimento que advém da ausência física de lugar, pretende-se aqui recuperar a qualidade do contacto e a ampla capacidade de orientação, proveniente de uma compreensão empírica, de um mundo ainda possível de negociar directamente com as suas condições naturais.

Este projecto vem restabelecer uma atenção que interioriza e relaciona o território e seus sujeitos numa relação que se pretende viva e ligada às suas dimensões cosmogónicas.

Uma curiosidade empírica sobre espaço, lugar e alcance, numa perspectiva humanizada, reflectindo sobre a relação física de um contexto em movimento ao qual pertencemos e nos organizamos, contudo, ainda dentro de uma certa relação matérica com o mundo.

Um julgamento sobre matéria e imaterialidade, extensão e representação.

Referencias

Virilio, Paul ([1995] 2000). *A velocidade de libertação*. Lisboa: Relógio de Água.

Historia editorial

Recibido: 18/03/2014

Aceptado: 28/04/2014

Publicado: 07/05/2014

Formato de citación

Costa, Vasco Caetano (2014). Deriva e errancia na representação do Mundo. *URBS. Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales*, 4(1), 313-318. http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/costa_vasco



Los textos publicados en esta revista están sujetos –si no se indica lo contrario– a una licencia de [Atribución CC 4.0 Internacional](#). Usted debe reconocer el crédito de la obra de manera adecuada, proporcionar un enlace a la licencia, e indicar si se han realizado cambios. Puede compartir y adaptar la obra para cualquier propósito, incluso comercialmente. Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que tiene el apoyo del licenciante o lo recibe por el uso que hace. No hay restricciones adicionales. Usted no puede aplicar términos legales ni medidas tecnológicas que restrinjan legalmente a otros hacer cualquier uso permitido por la licencia.